



---

## BRASIL E O MUNDO: CONQUISTA E BASES PARA A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO DE FARIAS BRITO<sup>1</sup>

---

## BRAZIL AND THE WORLD: CONQUEST AND FOUNDATIONS FOR THE EVOLUTION OF FARIAS BRITO'S THINKING

---

Tiago dos Santos Alves<sup>2</sup>

### RESUMO

Raimundo de Farias Brito (1862-1917) teria todas as características para ser mais um entre os muitos retirantes que figuram a história tanto do Ceará como de qualquer outra região do Nordeste Brasileiro. Porém as realidades que permearam a sua vida, desde criança na pequena vila de São Benedito até a sua morte no Rio de Janeiro, são marcos que se apresentam na maneira do filósofo de enxergar o mundo e assim procurar desvendá-lo. Seguindo essa perspectiva esse texto procura apresentar alguns elementos que compõem a trajetória do filósofo ao sair de São Benedito, os primeiros estudos em Sobral, a ida a Fortaleza e a realização de seus estudos de Direito na Faculdade do Recife. Nesse entremeio a realidade da seca contrastando com a *Belle Époque* presente em Fortaleza e a renovação cultural vivenciada no Recife marcam a sua forma de questionar o que está ao seu redor construindo um arcabouço filosófico que pensa a realidade presente e lança perspectivas de suas consequências. O texto encontra-se dividido em três partes apresentando o panorama geral da época, seguindo pela construção histórica de Farias Brito culminando com seus estudos na Escola do Recife.

**Palavras-chave:** Homem. Filosofia. Conhecimento. Escola do Recife.

### ABSTRACT

Raimundo de Farias Brito (1862-1917) would have all the characteristics to be one more among the many migrants that figure in the history of Ceará as well as any other region in the Brazilian Northeast. However, the realities that permeated his life, from childhood in the small village of São Benedito to his death in Rio de Janeiro, are milestones that present themselves in the philosopher's way of seeing the world and thus seeking to unravel it. Following this perspective, this text seeks to present some elements that make up the philosopher's trajectory when he left São Benedito, his first

---

<sup>1</sup> Artigo feito sob orientação da Profa. Dra. Raphaela Cândido Lacerda.

<sup>2</sup> Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Graduado em Pedagogia pela Faculdade Kuirós (FAK). Graduado em Ciências Biológicas Pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: tiago01alves@hotmail.com.

studies in Sobral, his visit to Fortaleza and his studies in Law at the Recife Faculty. In this interplay, the reality of the drought contrasting with the Belle Époque present in Fortaleza and the cultural renewal experienced in Recife mark his way of questioning his surroundings, building a philosophical framework that thinks about the present reality and launches perspectives on its consequences. The text is divided into three parts, presenting the general panorama of the time, followed by the historical construction of Farias Brito, culminating with his studies at Escola do Recife.

**Keywords:** Man. Philosophy. Knowledge. Recife School.

## Introdução

Na busca por compreender a si mesmo e a realidade à sua volta, o homem demonstrou a sua inquietação em diferentes épocas, contextos e paradigmas tornando-se algo pertinente à atividade humana. Esse movimento causou ao longo da história das ideias o surgimento de várias interpretações que, de maneiras variadas, influenciaram a forma de pensar do homem. Contudo o crescimento de algumas dessas correntes passou a influenciar não só a forma de pensar, mas também a maneira de se conceber a sociedade, de se construir conhecimento chegando a modificar padrões éticos.

Os eventos acima expostos não ocorreram de forma totalmente passiva e aleatória, pois sempre houve pensadores com capacidade de perceber as modificações e levantar questionamentos acerca das peculiaridades de cada teoria, evidenciando elementos que deveriam ser refletidos de forma mais cuidadosa evitando equívocas e más interpretações.

No presente texto tem-se a localização do problema da relação entre Filosofia e Ciência na passagem do século XIX para o XX apresentando as principais correntes do pensamento que imperavam na época delimitada aliando a elementos da biografia de Farias Brito. Nesta perspectiva foram evidenciados os principais acontecimentos histórico-culturais que influenciaram o conhecimento científico-filosófico no período delimitado.

## 1 Panorama geral

Aportando na contemporaneidade, dentre as várias ideias que se difundiram nesse período, têm-se as reflexões do movimento evolucionista, que teve seu grande marco com Charles Darwin e Wallace; a teoria da evolução das espécies, conhecida também por Darwinismo<sup>3</sup>, e o positivismo de Augusto Comte, que chegou a ser erigido como a religião positiva valorizando o pensamento científico. As correntes de pensamento evolucionista não ficaram somente no campo da biologia, passaram também para as ciências sociais como a conhecida teoria do darwinismo social<sup>4</sup>. Este panorama, gestado pela Modernidade<sup>5</sup>, servirá de pano de fundo para grandes eventos do século XX.

O século XX caracterizou-se como o século dos extremos. Por um lado, houve guerras mundiais, o nazismo e o fascismo, totalitarismos de diferentes ideologias, explosão mortal de bombas atômicas, enfim, genocídios; por outro, houve progressos significativos no campo cultural, científico e sociopolítico, e, na Europa e na América do Norte, o desenvolvimento de um Estado moderno com relativo bem-estar material. De um lado, os homens vivem uma situação de bem-estar e aparente segurança nos países industrializados; por outro, a prosperidade econômica parece basear-se em

<sup>3</sup> Termo que serve para designar a teoria fundamental do naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882) segundo a qual a luta pela vida (*struggle for life*) e a seleção natural são consideradas como os mecanismos essenciais da evolução dos seres vivos. A idéia [*sic*] de seleção natural encontra-se no cerne do pensamento biológico de Darwin. Sua significação é a seguinte: os organismos vivos formam populações denominadas espécies e apresentam "variações" graças às quais certos indivíduos são melhor "adaptados" a seu meio ambiente e engendram unia descendência mais numerosa; assim, a "seleção natural" designa o conjunto dos mecanismos que triam (escolhem) os melhores indivíduos; e, graças à "luta pela vida", as populações evoluem lentamente, vale dizer, se transformam e se diversificam produzindo formas cada vez mais complexas. É na Origem das espécies (1859) que se encontra a exposição "canônica" da teoria da evolução por seleção natural (DARWINISMO in JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 48).

<sup>4</sup> Concepção socioideológica que idealiza a concorrência econômica e a justifica pelo princípio natural da concorrência vital, a ponto de dizer que a exploração de uma classe por outra classe também é natural e necessária ao bom funcionamento da sociedade. Em Darwin, a expressão "concorrência vital" não possui essa conotação ideológica: para ele, o melhor, o mais apto, não é outro senão aquele que encontra, por acaso um meio favorável à sua sobrevivência, não considerado como o melhor em si. A concorrência vital, diferentemente do darwinismo social, de cunho malthusiano, é apenas o meio pelo qual a natureza opera a seleção: luta entre cada indivíduo e seu meio (DARWINISMO SOCIAL in JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 48).

<sup>5</sup> "Esse termo é utilizado nesse texto obedecendo às ideias de Hegel na elabora de sua compreensão de uma filosofia da História. Compreende-se como uma nova forma de pensamento e de visão de mundo inaugurada pelo Renascimento e que se contrapõe à escolástica e ao espírito medieval, desenvolvendo-se nos sécs. XVI e XVII com Francis Bacon, Galileu e Descartes, dentre outros, até o Iluminismo do séc.XVII, do qual é a principal expressão" (MODERNIDADE in JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 132). Embora essa ideia leve questionamentos se houve de fato essa era Moderna, o conceito é utilizado pela maneira como Farias Brito faz suas leituras dos filósofos desse período, além de ser o conceito vigente durante o seu período de produção filosófica.

numerosas contradições, pois deixou massas na pobreza e na miséria, os chamados excluídos (ZILLES, 2016, p. 7).

Quando se lança o olhar na forma como o conhecimento foi se desenvolvendo, ao embasar-se em um paradigma norteador, torna-se perceptível a maneira de se responder aos questionamentos que o ser humano sempre se fez. A passagem gradativa da visão cosmológica para a antropológica foi trazendo consigo elementos que fomentou de forma significativa à própria percepção de si mesmo, do outro e da realidade. A visão mecanicista de Descartes e o Idealismo de Kant foram fundamentais no desenvolvimento de uma visão antropológica madura. Nesse sentido é salutar aquilo que Zilles afirma:

O homem moderno questiona o acesso imediato ao real e passa a falar da realidade através da mediação da subjetividade; desenvolve novo método de investigação e conhecimento, apoiando-se unicamente na razão e na experimentação científica (ZILLES, 1991, p. 8).

Dessa forma o homem se constrói e abre a possibilidade do desbravamento de novos caminhos. Esses caminhos não são meramente de ordem figurativa no sentido das possibilidades, mas também no plano físico considerando que a busca por recursos ou a própria perseguição fez com que os homens desbravassem novas terras e carregassem consigo suas culturas. Isso não foi diferente com o Brasil.

O Brasil, país da América Latina, foi marcado pela ocupação portuguesa em meados de 1500. Isso levantou também no país latino a própria influência cultural dos desbravadores ibéricos frente às culturas indígenas dos povos presentes, sem contar com a miscigenação que ocorreria futuramente com a chegada de holandeses, os escravos oriundos das mais variadas tribos africanas, além de italianos, judeus e alemães que saíram da Europa por volta do século XVIII bem como os descendentes das regiões orientais como o Japão, por exemplo.

Tal embate cultural figurou a construção da forma como o brasileiro se vê em relação a outras nações. Isso influenciou também a produção de conhecimento principalmente no tocante da reflexão filosófica. A influência da colonização é marcante, nesse aspecto Paulo Margutti Pinto afirma que:

Em virtude do processo de colonização, a história do pensamento filosófico brasileiro, pelo menos em sua fase inicial, está indissolivelmente ligada à história do pensamento filosófico português. Com efeito, os nossos primeiros

passos em direção à reflexão filosófica foram inspirados e moldados pelo pensamento português na época da colonização (PINTO, 2013, p. 43).

Em meio a tal reflexão, pode-se perceber por que existe entre os brasileiros um sentimento de inferioridade e de supervalorização com aquilo que vem de fora do país. Entretanto ao longo dos quatro primeiros séculos pode-se perceber uma série de movimentações na província que geraram certa evolução de pensamento e trazendo certo desenvolvimento para a então Terra de Santa Cruz.

O modelo apresentado até aqui passa, ao longo da construção da história do povo brasileiro, por diversas influências. As primeiras foram marcadas pelos colonizadores e em seguida por povos de outras nacionalidades que se instalaram por essas terras. O pensamento, dessa maneira, acompanha o homem mesmo que ele próprio não se dê conta disso.

Todo este contexto não é diferente do que vai se espalhando pelas regiões que futuramente formariam o Nordeste brasileiro. Nesse sentido poder-se-ia dizer que as próprias condições, tanto climáticas como sociais, fomentaram uma maneira típica de realizar a articulação do pensamento gerando expoentes intelectuais, embora que para muitos brasileiros, no contexto atual, não passam de meros desconhecidos. É em meio a tantas adversidades que surgem pensadores como Clóvis Beviláqua, Tobias Barreto, Sílvio Romero, José de Alencar e Raimundo de Farias Brito.

A partir daqui será apresentado parte da historiografia de Raimundo de Farias Brito partindo de sua origem simples no interior do Ceará, passando por Sobral, Fortaleza e Recife até o seu retorno à terra natal iniciando a fase filosófica da construção de interpretação do mundo.

## **2 Farias Brito e sua construção histórica**

Raimundo de Farias Brito (1862-1917) teria todas as características para ser mais um entre os muitos retirantes que figuram a história tanto do Ceará como de qualquer outra região do Nordeste Brasileiro. Porém as realidades que permearam a sua vida, desde criança na pequena vila de São Benedito até a sua morte no Rio de Janeiro, são marcos que se apresentam na maneira do filósofo de enxergar o mundo e assim procurar desvendá-lo.

Filho de Marcolino José de Brito e Eugênia Alves Pereira, sua vida inicia-se de forma simples em uma casa próxima à Igreja pertencente ao Coronel Cassiano Amaral. Seu pai trabalhava como escrivão e apresentava certa compreensão das leis, fato este que influenciará o futuro de Farias Brito que estudará direito e se tornará um magistrado. Visando a formação do filho, a família muda-se para Sobral onde ele é aceito no Ginásio Sobralense por volta de 1872 (Cf. NETO, 2008). Todavia, em 1877 frente a uma das maiores secas que atingiu o estado do Ceará, a família do filósofo vê-se impossibilitada de continuar no interior do estado e parte para Fortaleza, como muitos emigrantes de várias regiões distintas da província. Jonathas Serrano relata esse trecho da vida de Farias Brito com as seguintes palavras:

Mas em fins desse mesmo ano, Marcolino José de Brito se vê obrigado a regressar à Alagoinha. Aí os surpreende a terrível sêca [sic] de 77. Marcolino perdeu tudo quanto possuía, vendo-se literalmente na miséria. Compelido a emigrar para Fortaleza no ano seguinte, 1878, a sua penosa viagem foi para Raimundo, ainda adolescente, uma rude provação. O Futuro crítico de Kant e de Augusto Comte chegou à capital cearense como simples flagelado, vestindo pobres roupas de algodão, calçando alpercatas de couro e puxando um burrinho carregado de velhas malas (SERRANO, 1939, p. 27).

Esse período que durou de 1877 a 1880 caracterizou uma das mais graves secas que assolou a região já citada. A escassez de recursos hídricos, a perda de milhares de cabeças de gado, a morte das plantações causou a instalação de uma situação de miséria que até então não se tinha tomado conhecimento por parte dos moradores da região Sul do Império.

Naquele tempo, o país dividia-se entre Norte e Sul, e a "descoberta" da seca funcionou como elemento integrador das elites nortistas em torno de um discurso reivindicador de recursos públicos. Elites que se encontravam em processo contínuo de decadência, passados os tempos áureos da economia açucareira e escravocrata. Começava ali a formatação da "indústria da seca", por meio da qual as velhas aristocracias mantiveram seu poderio (BARBALHO, 2005, p. 140).

Foi nesse contexto em que Fortaleza, que passava pelo processo de embelezamento devido à *Belle Époque*<sup>6</sup>, passou de 20 mil habitantes a mais de 100

<sup>6</sup> A *Belle Époque* se caracteriza pela expressão do grande entusiasmo advindo do triunfo da sociedade capitalista nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, momento em que se notabilizaram as conquistas materiais e tecnológicas, ampliaram-se as redes de comercialização e foram incorporadas à dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo antes isoladas. Época marcada pela crença de que o progresso material possibilitaria equacionar tecnicamente todos os problemas da humanidade (FOLLIS, 2004, p. 14).



mil em um curto período. Como a mesma não estava preparada para tal inchaço populacional viu-se um crescente quadro de miséria se espalhar pela cidade. Para Alexandre Barbalho, houve uma mudança gradativa que passou de uma produção de subsistência à produção de açúcar e algodão para a geração de capital. Isso fez com que as relações de onde os sertanejos se ajudavam durante a época de estio passassem por dificuldades frente ao novo cenário (Cf. BARBALHO, 2005). É também por meio desse pano de fundo que a “indústria da seca”<sup>7</sup> começa a ser apresentado e a figurar o campo da reflexão sobre o regime de estiagem e chuvas no Nordeste, onde além da realidade de êxodo e morte frente à essas condições de vida nota-se, em um segundo plano, a grande saída de nordestinos para a região amazônica.

Em meio aos que chegavam a Fortaleza, o filósofo cearense percebia tal realidade de miséria e, sobre essa passagem de sua vida, narra:

Eu fui testemunha ocular dos horrores por que passou o Ceará naquele tempo. Em torno da pequena casa em que morava no Calçamento de Porangaba [sic], casa que já hoje não existe, havia grande número de palhoças, onde habitavam emigrantes, além dos que moravam debaixo dos cajueiros, ou dormiam pelas calçadas, famintos, imundos. E quando chegou o período agudo da epidemia, lembro-me bem que durante as noites continuamente se ouviam por toda parte lamentações e clamores; de todos os pontos, dos fundos, dos lados, como da frente da casa em que eu morava, partiam gemidos de moribundos.

E pela manhã passavam uns após outros, formando verdadeiras fileiras, carregadores conduzindo mortos envoltos em redes, que gotejavam pus.

O número incalculável dos enfermos do abarracamento do Alto da Pimenta dá uma idéia [sic] do que fez o Dr. Studart durante os célebres dois meses, que constituem a página mais triste do terrível flagelo (BRITO, 2008, p. 43).

Em meio a tal realidade inicia-se a vida estudantil de Farias Brito em Fortaleza como ouvinte no Liceu do Ceará. Neste meio tempo, mesmo adolescente, lecionou matemática, pois desejava estudar na Escola Politécnica no Rio de Janeiro. Porém as

<sup>7</sup> Embora o termo sugira a produção de algo, como aquilo que é fruto do pensamento moderno com a revolução industrial entre outros, a indústria da seca não passa de uma construção ideológica levantada a partir de várias ações em que aquele evento natural de estiagem cria um estereótipo da Região Nordeste. Com isso evidencia-se a ausência de uma política social às populações atingidas e o que fica presente é o desvio dos poucos recursos destinados para a população da região para aqueles que têm terras, ou que apresentam grande influência política produzindo currais eleitorais. Tal fato surge no império com a seca de 1987 e passará por todas as demais que assolaram a região nordestina e que produzirão no futuro os campos de concentração no interior do Ceará para evitar que as massas miseráveis chegassem em Fortaleza, além das chamadas frentes de serviço para construção de açudes que deveriam suprir a necessidade da população, mas que muitas vezes eram construídos nos terrenos de grandes proprietários (Cf. RANGEL; MARQUESAN, 2018).

condições as quais se encontrava o levaram para o Recife, onde iniciará seus estudos na Faculdade de Direito (Cf. SERRANO, 1939).

### 3 A Escola do Recife e as correntes de pensamento do século XIX

Com o principiar de uma modernização do Brasil, emergem as primeiras instituições de ensino superior que se separam de uma administração direta da Igreja Católica, uma em São Paulo e outra em Olinda. Estas se tornaram as primeiras faculdades de direito do país e foram essenciais para o amadurecimento intelectual daqueles que encabeçariam as revoluções que futuramente ocorreriam no Brasil.

Na região de Olinda, no antigo mosteiro de São Bento, instalou-se a Faculdade de Direito por decreto de Dom Pedro I, que em anos posteriores seria transferida para a cidade do Recife (Cf. SERRANO, 1939). Foi neste lugar em que intelectuais, juristas, professores, poetas, entre outros, iniciaram um movimento intelectual que ficou conhecido como a Escola do Recife<sup>8</sup>. Marcada pelas grandes correntes de pensamento que se pronunciavam pela Europa e que haviam chegado pelo Brasil, esse movimento passa a refletir questões que permeiam a vida do brasileiro do século XIX, a saber, a questão dos escravos; as ideias do Positivismo de Comte e o fim da Metafísica; o movimento republicano e o cientificismo.

Dentre os que compuseram esta escola de pensamento despontam o sergipano Tobias Barreto (1839-1889) como grande idealizador seguido do também sergipano Sílvio Romero (1851-1914) além do cearense Clóvis Beviláqua (1859-1944) entre outros. Para fins didáticos Antônio Paim descreve o desenvolvimento das reflexões em quatro ciclos.

Na primeira delas, seus fundadores são simples participantes do movimento geral que aspira alcançar uma simples renovação no terreno das ideias. Do mesmo modo que grande parte da intelectualidade da época, rejeitam o ecletismo espiritualista. Para combatê-lo, apoiam-se tanto no positivismo como no darwinismo e até mesmo no materialismo (Sílvio Romero) (PAIM, 1981, p. 75).

---

<sup>8</sup> “Embora o nome *escola* não fosse o mais apropriado, pois essa agitação de novas idéias [*sic*] tinha características próprias mais de um movimento do que de uma escola propriamente dita, com certo grau de homogeneidade de visão de mundo.” (NETO, 2008, p. 45).



À primeira vista é perceptível um levante a algumas formas de pensar presentes no Brasil. Nesse período destacam-se o ecletismo espiritualista; o positivismo apoiando-se no darwinismo, que desembocará em um cientificismo, e o materialismo.

O ecletismo espiritualista é de origem francesa que busca extrair, de diferentes sistemas de pensamento, elementos para fundi-los num novo sistema tendo Victor Cousin (1792-1867) como expoente (Cf. JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001). Ter-se-ia dessa maneira uma síntese entre elementos da Filosofia e da religião cristã, o que daria esse tom espiritualista. O positivismo de Comte seria justamente o contraponto, onde há um desencanto com a dimensão da transcendência e um apoio à Ciência como grande expressão da verdade.

A característica do Positivismo é a romantização da ciência, sua devoção como único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível. Como Romantismo em ciência, o Positivismo acompanha e estimula o nascimento e a afirmação da organização técnico-industrial da sociedade moderna e expressa a exaltação otimista que acompanhou a origem do industrialismo (ABBAGIANO, 2007, p. 787).

Essa maneira de pensar marcou fortemente todo o século XIX e será propulsor para vários acontecimentos dos séculos posteriores. Vale ressaltar que o próprio pensamento materialista terá peso nessas críticas e que posteriormente o mesmo será colocado também no alvo das reflexões com Farias Brito.

A segunda fase é marcada pela querela intelectual de interesses opostos entre Sílvio Romero e Tobias Barreto; onde aquele afirma que a Metafísica está morta, este refuta essa ideia e escreve o texto *Deve a metafísica ser considerada morta?* (Cf. PAIM, 1981). Nesse entremeio, Sílvio Romero apresenta um elemento importante do pensamento historiográfico das ideias filosóficas do Brasil, servindo de marco para a transição da primeira para a segunda fase da Escola do Recife.

O livro de Sílvio Romero *A Filosofia no Brasil* marca a transição entre a primeira e a segunda fases. Nesta é que teria lugar o rompimento radical com o positivismo e a busca de uma doutrina nova. Abrange cerca de dez anos. Tobias Barreto é então a figura central da Escola. Incumbe-lhe fixar as linhas gerais de uma posição autônoma no debate entre as correntes difundidas no país (PAIM, 1981, p. 75).

A terceira fase ocorre em meados da década de 1880. Nesse período além dos estudantes que se destacavam como o já citado cearense Clóvis Beviláqua, chega à cidade do Recife, Farias Brito com sua família. O contexto da cidade é diferente daquele do início da Faculdade de Direito e ela já recebe pessoas de diferentes regiões do Nordeste. As reflexões dos estudantes já se tornam perceptíveis no ambiente.

O ambiente do Recife, na época em que Farias Brito aí fez os seus estudos jurídicos, já não era o dos primeiros tempos da Faculdade, na velha Olinda, qual o descreveu Carvalho Moreira, o futuro Barão de Penedo. A princípio a vida dos estudantes era "completamente escolástica", o que se compreende sem dificuldades, atendendo a que a antiga cidade cantava a população reduzida e dispunha de poucos recursos. Distrações, a bem dizer, não as havia. Os moradores se conheciam e os estudantes viviam a-parte [sic], em repúblicas, organizadas quasi [sic] sempre entre comprovincianos. O maior contingente vinha da Baía [sic]. Olinda parecia uma espécie de pequena Coimbra, tendo mesmo várias das características do velho centro universitário lusitano nos costumes, nos ditos, nas denominações dadas aos calouros e veteranos. Faltavam apenas o gorro e a batina. Estudava-se com real proveito, os exames exigiam cuidados e a frequência obrigatória concorria para a seriedade do curso. As troças não raro se convertiam em verdadeiro tumulto, com algazaras diurnas e noturnas, quebrando o silêncio da vetusta cidade (SERRANO, 1939, p. 31-32).

Nestes ares se respiravam reflexões do idealismo e do movimento republicano. Em meio a este estremecer de novos estilos de vida, falece Tobias Barreto em 1889, que havia sido professor de Farias Brito ao longo do curso de Direito. Um novo cenário se estabelecia e é justamente esta perspectiva que Paim apresenta:

A nova corrente já constituída, que se propunha enfrentar simultaneamente ao positivismo e ao espiritualismo, lograria alcançar uma posição de predomínio nos meios intelectuais do Nordeste, conservando alguns centros de influência no Sul do País (PAIM, 1981, p. 75).

Com o cenário já mencionado começa-se um trabalho de organização e reedição das obras de Tobias Barreto encabeçado por Silvio Romero. Essa menção caracteriza um avanço nas reflexões filosóficas e um verdadeiro fervilhar de ideias que coincidirá tanto com as interpretações acerca do positivismo, ainda bastante influente, como o acirrar de opiniões contrárias como identificação de 'bandeira' filosófica admitida pelo sujeito. Dessa maneira percebe-se que o núcleo filosófico de

Tobias Barreto, juntamente com seu *culturalismo*<sup>9</sup>, não foi desenvolvido por seus discípulos (Cf. PAIM, 1981).

Mesmo com o campo frutífero que a Escola do Recife conseguiu produzir, ela chega a sua quarta fase com caracteres de declínio encerrando-se, como corrente de pensamento em meados da Primeira Guerra Mundial. No Brasil deste momento percebe-se muito forte as leituras do idealismo alemão, principalmente Kant e Hegel, o naturalismo e o monismo de Ernst Haeckel (1834-1919), o positivismo de Comte e o materialismo de Marx e Engels.

Neste entremeio o jovem Farias Brito desponta entre os estudantes passando pela forma de pensar tanto de Tobias Barreto como de Sílvio Romero. Sua participação nos círculos de influências dá-se de forma comedida sem exaltar muito os ânimos, ao contrário de seus mestres.

O espírito crítico de Farias Brito se manteve quase sempre no limite estritamente filosófico, argumentativo, respeitoso, com o cuidado para não resvalar para o campo pessoal, considerando que o texto de O Panfleto foi uma exceção à parte. [...] A suavidade de Farias Brito no trato pessoal e a independência de espírito fez-lhe evitar futuros aborrecimentos com Sílvio Romero, que lhe fez justiça no Rio de Janeiro no momento que mais precisava. Sílvio Romero foi outro importante arauto da Escola do Recife (NETO, 2008, p. 48).

Com isso percebe-se um pouco do perfil do autor. Ele irá se diferenciar dos demais estudantes da Faculdade de Direito, o que se mostrará pelo restante da condução de sua vida. Sua paixão pela Filosofia, o ímpeto de querer desvendar a finalidade do mundo e da vida em geral, partirá não só das elucubrações teóricas advindas de seu estudo da Filosofia Moderna e suas bases, mas também das próprias experiências que o levaram à esfera intelectual.

Acompanhando a trajetória de Farias Brito e seu interesse pela filosofia, podemos dizer que ele não pretendia ser apenas um filósofo de ocasião, como alguns de seus colegas da Escola do Recife. Sua pretensão consistia em discutir os sistemas filosóficos, seus autores e suas obras, na busca de sua própria filosofia (NETO, 2008, p. 50).

---

<sup>9</sup> “[...] doutrina de que a criação humana constitui objeto privilegiado da meditação filosófica, sendo mesmo aquela esfera apta a superar, de uma vez por todas, o positivismo e o cientificismo em geral” (PAIM, 1981, p. 77).

Nessa nova etapa de sua vida, Farias Brito torna-se bacharel em Direito e retorna com sua família para o Ceará. Nesse retorno ele torna-se promotor de Justiça, primeiramente em Viçosa e depois em Aquiraz (Cf. SERRANO, 1939). Será a partir daqui que ele iniciará de forma mais concisa sua investigação filosófica, quando trabalhará em suas primeiras obras, onde apresentará sua filosofia lançando luz à situação intelectual do Brasil.

### Considerações Finais

O caminho trilado na construção dessa reflexão evidencia uma das realidades da condição humana. Os homens evoluem ao longo da história, no tempo e no espaço, porém não somente do ponto de vista biológico, mas abarcando-o como um todo no que tange o conhecimento e a visão de mundo.

Essa máxima justifica a existência de paradigmas que, em cada época, nortearam a forma de pensar da humanidade. Tal assertiva é percebida nas respostas que levaram à construção das Ciências e da Filosofia. Como sujeitos históricos, os homens, encontram respostas diferentes frente às necessidades de cada época levando em consideração as condições do meio onde se encontravam.

Foi partindo dessa ideia que se pode encontrar no contexto de Farias Brito os elementos que influenciaram seu modo de pensar. Os conhecimentos adquiridos e sua capacidade de aprender e repassá-los levou-o a aspirações que entraram em oposição às ideias que eram gestadas no meio social.

### Referências

ABBAGIANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARBALHO, Alexandre. **Corpos e Mentes Dilacerados: O grotesco nas imagens da seca de 1877**. **Revista de História UFC**. Fortaleza, 2005, n. 06, p. 139-150.

FOLLIS, Fransérgio, **Modernização urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Versão online disponível em: [http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf).

NETO, Júlio Filizola. **Farias Brito, um filósofo brasileiro: vida, pensamento e historiografia**. 355f. Fortaleza, 2008. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) Universidade Federal do Ceará, 2008.

PAIM, Antônio. **A Filosofia da Escola do Recife**. São Paulo: Editora Convívio, 1981.

PINTO, Paulo Margutti. **História da Filosofia do Brasil (1500-hoje): 1ª parte o período colonial (1500-1822)**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

RANGEL, Jose Messias; MARQUESAN, Fábio Freitas Schilling. A nova relação do sertanejo nordestino brasileiro com a face visível da seca. *In: Desenvolvimento em Questão*. Ijuí: Editora Unijuí, ano 16, n. 42, jan./mar. 2018, p. 269-300.

SERRANO, Jonathas. **Farias Brito: o homem e a obra**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1939.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. São Paulo: Paulus, 1991.

ZILLES, Urbano. **Panorama das Filosofias do século XX**. São Paulo: Paulus, 2016.

Artigo recebido em: 05/06/2021.  
Artigo aprovado em: 20/06/2021.